



## MULHERES NA FILOSOFIA

---

# Simone de Beauvoir

Heci Regina Candiani

---



Edição eletrônica

URL : <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/simone-de-beauvoir/>

ISSN: 2526-6187

*Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 6 N. 3, 2020, p. 24-32.*

# Simone de Beauvoir

Heci Regina Candiani  
Doutora em Ciências Sociais pela  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

## 1. Vida

Simone de Beauvoir (Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir) nasceu em Paris, França, em 9 de janeiro de 1908 e faleceu na mesma cidade em 14 de abril de 1986, aos 78 anos. Foi criada em uma abastada família burguesa que perdeu grande parte de seus recursos financeiros após a Primeira Guerra Mundial. Seu pai, Georges Bertrand de Beauvoir, era advogado e sua mãe, Françoise Bertrand de Beauvoir (Brasseur, quando solteira) dedicava-se à administração da casa da família e à educação das duas filhas, Simone e Hélène (Henriette-Hélène Bertrand de Beauvoir, 1910-2001, pintora).

Uma das grandes preocupações da família foi investir em uma formação tradicional e burguesa para as filhas e ambas foram matriculadas no Institut Adéline Desir, escola privada exclusivamente para meninas de sua classe social. Simone de Beauvoir estudou ali até a aprovação no *baccalauréat* de Matemática e Filosofia em 1925. Ao contrário de muitas jovens de sua classe social, ela prosseguiu os estudos licenciando-se em Letras Clássicas no Institut Sainte-Marie-de-Neuilly e Matemática no Institut Catholique de Paris. Em 1927, iniciou sua formação em Filosofia na Sorbonne. Em 1929, foi aprovada em segundo lugar no concurso de *agrégation* em Filosofia com uma dissertação sobre Leibniz. Ela tinha, então, 21 anos, sendo a estudante mais jovem a obter esta aprovação e a se tornar professora de filosofia até então. De 1931 a 1935, ensinou filosofia em liceus femininos nas cidades de Marselha e Rouen, retornando a Paris em 1936 como professora do Liceu Molière.

Beauvoir iniciou a publicação de seus textos literários e filosóficos durante a Segunda Guerra Mundial e, em 1945, após o fim da guerra, fundou, junto com Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty, entre outros intelectuais, a revista *Les Temps Modernes*, dedicada a temas literários e políticos. Na revista, que foi publicada

ininterruptamente de outubro de 1945 a meados de 2019, Beauvoir atuou como editora, tradutora e, posteriormente, membro do conselho editorial até 1986.

Suas principais influências filosóficas foram: Hegel, Husserl, Heidegger, Marx, Descartes e Bergson. Os principais interlocutores contemporâneos de Beauvoir foram os filósofos Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre. Os três intelectuais se conheceram quando eram estudantes de Filosofia nos anos 1920.

## **2. Obra: temas e conceitos**

Filósofa, ativista, feminista, autora de ficção e não ficção, Simone de Beauvoir produziu uma vasta obra composta por ensaios, tratados, uma peça de teatro, um manifesto, romances, contos, novelas, relatos de viagem, memórias, cartas, diários e reportagens. Sua ampla produção textual, sua ligação intelectual e afetiva com Jean-Paul Sartre, bem como o contexto histórico e intelectual francês em meados do século XX, marcado por uma forte resistência à atuação das mulheres na esfera pública fizeram com que, por muito tempo, Simone de Beauvoir não fosse considerada filósofa. Entretanto, após sua morte, em 1986, e mais especificamente a partir dos anos 1990, com a publicação de textos inéditos da autora e a liberação do acesso a seus manuscritos para pesquisa, tem havido um renovado interesse em seu pensamento, especialmente por parte de filósofas feministas. Esses novos estudos, ainda em curso, têm servido não apenas para reafirmar a importância de suas contribuições para o existencialismo, a fenomenologia e a filosofia feminista, mas também têm sido importantes para demonstrar a especificidade do projeto intelectual de Beauvoir, em que a ética, a política e a teoria feminista são temas centrais, e conceitos como situação, liberdade, ambiguidade e o Outro são trabalhados de maneira bastante original.

## **3. Primeiros ensaios**

Um dos campos em que a contribuição de Simone de Beauvoir para o existencialismo tem sido mais amplamente estudada é o campo da ética. Esse tema, que perpassa toda a obra de Simone de Beauvoir, é trabalhado filosoficamente pela autora particularmente em seus primeiros ensaios filosóficos, escritos nos anos 1940, na esteira do fim da Segunda Guerra Mundial. Os dilemas éticos que a guerra impôs à Europa e, particularmente à França, que com a

ocupação nazista se viu confrontada com questões como a resistência, o colaboracionismo, os sentidos do desengajamento ou da “neutralidade” política, a legitimidade ou não da violência contra invasores e colaboracionistas, a responsabilidade em relação aos outros indivíduos, estão claramente presentes nesses ensaios.

No primeiro deles, intitulado “Pirro e Cineias” e publicado em 1944, Beauvoir irá abordar justamente o sentido da ação individual. Para que agir? É a pergunta que ela se propõe a analisar. Para ela, a única justificativa da ação é a liberdade, ampliar os limites da liberdade humana. “Distingui dois aspectos da liberdade: ela é a própria modalidade da existência que, por bem ou por mal, de uma maneira ou de outra, retoma por sua conta tudo que lhe vem de fora; esse movimento interior é indivisível, logo total em cada um. Em compensação, as possibilidades concretas que se abrem para as pessoas são desiguais” (Beauvoir, 2010, p. 540). O fato de existirem desigualdades entre as pessoas faz com que a ação realmente ética seja, então, não apenas aquela que visa ampliar a liberdade do sujeito, mas que se pautar pelo compromisso em ampliar também a liberdade dos outros. Beauvoir evoca, assim, a ideia de que liberdade e ética se unem por meio da responsabilidade do sujeito com os demais indivíduos e por um objetivo maior do que sua própria existência, o objetivo de “liberar a liberdade” (Beauvoir, 2010a, p. 540).

Esse debate é retomado pela autora em seus ensaios subsequentes, publicados na revista *Les Temps Modernes*: “Idealismo moral e realismo político” (1945), “O existencialismo e a sabedoria das nações” (1945, título do ensaio e do livro que reúne os textos, 1965a [1948]) e “Olho por olho” (1946) e *Por uma moral da ambiguidade* (2005 [1947]). Para Beauvoir, a ambiguidade é a condição inerente a todos os indivíduos em sua relação com os outros, isso porque, embora sejamos, em nossa consciência, sujeitos livres, nas relações nos vemos objetificados pelos outros. Essa ambígua condição de sujeitos/objetos é relevante para compreender as questões essenciais da ação ética, como a ideia de que os fins justificam os meios (Beauvoir nos diz que não) e como podemos agir eticamente quando estamos diante de um mundo marcado pela violência e mesmo diante de um opressor.

#### **4. O segundo sexo**

Um dos motivos para o tardio reconhecimento acadêmico e público de Simone de Beauvoir como filósofa foi o fato de que ela não adotou em seu trabalho a metodologia de construção de um sistema filosófico, que ela considerava abstrata e universalizante. Sua opção, em termos metodológicos, foi buscar analisar criticamente o conhecimento construído sobre os temas de seu interesse e, a partir dessa crítica, analisar as experiências vividas das pessoas diretamente implicadas na questão.

A pensadora deu um importante passo nesse sentido e estabeleceu as bases de seu método em sua obra filosófica mais conhecida: *O segundo sexo*. Hoje um texto canônico da filosofia feminista, *O segundo sexo* foi escrito a partir de uma extensa pesquisa iniciada em 1946 e concluído em 1949. Mas o texto não foi pensado pela autora como uma obra feminista em si. O que Beauvoir tinha em mente era apresentar uma discussão, com base no existencialismo, na fenomenologia e no marxismo, sobre a condição das mulheres nas sociedades ocidentais em meados do século XX, o livro traz como centrais os conceitos de situação e de Outro.

O conceito de situação é fundamental no existencialismo e se refere basicamente ao fato de estarmos posicionados no tempo, no espaço e em relação com os outros sobre condições específicas que não escolhemos nem controlamos (nossa nacionalidade, etnia, idade, classe social, educação, o sexo que nos é atribuído já nas primeiras semanas de gestação, nossas limitações físicas, os valores vigentes no momento histórico em que vivemos, as contingências da existência). A situação expressa o lugar social de indivíduos ou de coletividades.

Beauvoir inicia seu texto identificando a situação das mulheres como uma situação de aprisionamento em uma condição de inferiorização: as mulheres têm suas ações no mundo limitadas, são relegadas à alteridade absoluta, a condição de Outro, e essa condição é produzida e sustentada, nas sociedades ocidentais patriarcais, pelo modo como as mulheres são retratadas pela ciência, a história e a psicanálise. Todo conhecimento produzido historicamente sobre as mulheres convergiu para um ponto que consistiu em justificar, a partir das diferenças biológicas, um lugar secundário para as mulheres na vida social. Essa justificação se sustenta por meio de uma série de mitos sobre a biologia, o psiquismo e o papel intelectual, social e econômico das mulheres.

Às mulheres é reservado um lugar secundário não porque elas sejam inferiores aos homens, mas porque o poder de determinar o que significa ser mulher e o que significa ser homem está nas mãos dos homens. Retomando a ideia da ambiguidade do sujeito, Beauvoir nos diz que nenhum sujeito define a si mesmo como Outro. Porque essa definição exige uma objetificação que nunca pode recair sobre o próprio sujeito. "Por que as mulheres não contestam a soberania do macho? Nenhum sujeito se define imediata e espontaneamente como o inessencial; não é o Outro que se definindo como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio" (Beauvoir, 2009a, p. 18).

Histórica, social, cultural e politicamente, as mulheres são retratadas como seres essencialmente biológicos e submetido às leis da natureza em contraposição aos homens como seres da razão, do conhecimento, e capazes de transcender sua biologia.

É nesse sentido que a filósofa escreve no texto que "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" (Beauvoir, 2009a, p. 361). Beauvoir explica o sentido de sua frase nos parágrafos seguintes, especificando que a fêmea humana não é dotada "naturalmente" de características como "misteriosos instintos [que] a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade" (Beauvoir, 2009a, p. 361), mas que essas atribuições, que são socialmente associadas à feminilidade, são impostas ou ensinadas à menina já nos primeiros anos de vida. Essas imposições e essa mistificação do que é "ser mulher" constituem as bases da opressão patriarcal, que submete as mulheres à condição de Outro limitando sua liberdade de ação, de escolha, e a possibilidade de que ela defina a si mesma.

Um dos aspectos importantes é que neste livro Beauvoir estabelece a importância de retratar e analisar as experiências vividas pelas mulheres como parte de seu método, dando a essas experiências sua dimensão filosófica e política. Ela se baseia em conversas, diários e narrativas de mulheres sobre suas experiências concretas para refletir sobre as formas e as consequências da opressão patriarcal, da infância até a velhice. Com isso, ela mostra não apenas o impacto da opressão patriarcal sobre a vida concreta das mulheres como apresenta as bases para a superação da condição de inferioridade a elas imposta.

Polêmico ainda hoje, 70 anos depois de sua publicação original, *O segundo sexo* tornou-se uma obra feminista devido à grande potência política inerente ao próprio conceito de situação. Em sociedades profundamente marcadas por desigualdades e injustiças, é inevitável que a discussão sobre a situação de indivíduos e grupos se torne uma discussão sobre poder.

A vitalidade do conceito de situação, a escolha metodológica por privilegiar as experiências vividas bem como o modo como Beauvoir apresenta seu discurso em *O segundo sexo* são aspectos que evidenciam a ligação de Beauvoir com a fenomenologia. Essas características e o retorno ao conceito de Outro irão marcar também outro de seus textos mais importantes: *A velhice* (1990a [1970]).

Publicada em 1970, esta obra também é dividida em duas partes. Na primeira, o tema é analisado de fora, pelo conhecimento formal da biologia, da etnografia, da história e da sociologia; a segunda parte trata da velhice como experiência vivida. Dessa forma, a autora nos mostra como o envelhecimento é, antes de uma limitação física ou intelectual, um processo contínuo da existência e uma transformação pessoal que não se explica apenas por questões biológicas: é uma transformação no modo como somos objetificados nas relações interpessoais, nas circunstâncias econômica e no contexto familiar. A autora investiga ainda, nesse texto, como o processo de envelhecimento não tem as mesmas consequências e sentidos nas experiências de homens e mulheres e de pessoas de classes sociais diferentes.

## **5. Para além dos textos filosóficos**

Embora conhecida e estudada principalmente por *O segundo sexo*, nem o feminismo nem a filosofia de Simone de Beauvoir se esgotam com essa obra. Em relação ao feminismo, estima-se (Zéphir, 1984, p. 144) que, entre 1949 e 1979, Beauvoir produziu mais de 150 textos feministas, incluindo aí artigos e entrevistas. Em relação ao debate mais estritamente filosófico, além dos primeiros ensaios e dos dois tratados já mencionados, a autora produziu cerca de mais duas dezenas de ensaios e artigos publicados principalmente na revista *Les Temps Modernes*. Nesses textos, ela tratou, por exemplo, de temas como o pensamento de grupos políticos privilegiados em *O pensamento de direita, hoje* (1967 [1955]), a ética e a sexualidade em "Deve-se queimar Sade" (1964 [1955]).

Além dos textos formais e explicitamente políticos, entretanto, Beauvoir fez amplo uso da filosofia para o embasamento e a argumentação de toda a sua produção textual. Quando escreve sobre o racismo nos Estados Unidos em *América dia a dia* (1963 [1948]), família, gênero e poder em sua peça *Les bouches inutiles* (1945), colonialismo em *Pour Djamilia Boupacha* (1960), por exemplo, ela mobiliza temas e reflexões filosóficas que ainda requerem análises mais detalhadas. Além disso, ela produziu vários romances de caráter claramente metafísico como *A convidada* (1985 [1943]), *O sangue dos outros* (1990b [1945]) e *Todos os homens são mortais* (1995 [1946]) nos quais temas como o Outro e a ambiguidade do sujeito ganham concretude nas situações vividas pelas personagens. Em suas memórias (publicadas originalmente entre 1958 e 1970) e em *Os mandarins* (1965b [1954]), Beauvoir não só discute alguns dos conceitos filosóficos de sua obra como apresenta um vívido retrato da história e dos conflitos intelectuais da França em meados do século XX.

Todas essas características peculiares da produção intelectual da autora bem como sua metodologia particular chamam a atenção para o fato de que a compreensão e análise do trabalho filosófico de Beauvoir passa, necessariamente, pela análise de seu papel como intelectual pública preocupada principalmente com a maneira como as marcas sociais da alteridade se entrecruzam na experiência individual e coletiva. Sua preocupação com a compreensão de como diversas situações influenciam o acesso a privilégios, a experiência de opressão e a experiência fenomenológica e política do corpo é profundamente relevante para os dias atuais. As pesquisas sobre o pensamento de Simone de Beauvoir na atualidade têm se concentrado em três principais linhas: a compreensão de sua metodologia filosófica, a análise de seus textos filosóficos e dos aspectos filosóficos de seus textos literários e memorialísticos, importante para a compreensão das relações entre filosofia e a literatura e ainda, a recepção de sua obra em diversos países e culturas. Esta última linha de pesquisa se concentra, principalmente, em *O segundo sexo*. Além disso, as pesquisas sobre a biografia de Beauvoir também têm sido importantes para a compreensão da trajetória das mulheres na história da filosofia.

## 6. Referências bibliográficas



### **Obras de Simone de Beauvoir**

Beauvoir, S. de (1945). *Les bouches inutiles – pièce en deux actes et huit tableaux*. Paris: Gallimard.

\_\_\_\_\_ (1960). Pour Djamila Boupacha. *Le Monde*, 2 juin, p. 5.

\_\_\_\_\_ (1963). *A América dia a dia*. Tradução de Emília Rodrigues. Lisboa: Arcádia.

\_\_\_\_\_ (1964). Faut-il brûler Sade. In Beauvoir, S.de. *Privilèges*. Paris: Gallimard.

\_\_\_\_\_ (1965a). *O existencialismo e a sabedoria das nações*. Tradução de Bruno da Ponte e Manuel de Lima. Lisboa: Editorial Minotauro.

\_\_\_\_\_ (1965b). *Os mandarins*. Tradução de Hélio de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

\_\_\_\_\_ (1967) *O pensamento de direita hoje*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_ (1985). *A convidada*. Tradução de Vitor Ramos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (1990a). *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (1990b). *O sangue dos outros*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (1995). *Todos os homens são mortais*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (2005). *Por uma moral da ambiguidade, seguido de Pirro e Cineias*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (2009a). *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (2009b). *Memórias de uma moça bem-comportada*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (2010a). *A força da idade*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_ (2010b). *A força das coisas*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

### **Literatura secundária**

Burawoy, M (2010). As antinomias do feminismo: Beauvoir encontra Bourdieu. In:

Burawoy, M. *O marxismo encontra Bourdieu*. Tradução de Fernando Rogério Jardim. Campinas, SP: Editora da Unicamp, pp. 131-158.

Candiani, H.R. (2018). *Na tessitura da situação: a trama das opressões na obra de Simone de Beauvoir*. (Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP). Recuperado de <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/332410>. Acesso em 19 ago. 2019.

Chaperon, S (1999). Auê sobre O Segundo Sexo. *Cadernos Pagu*. v.12, pp. 37-53.

\_\_\_\_ (2000). A segunda Simone de Beauvoir, *Novos Estudos Cebrap*, nº 57, p.103-123.

Cyfer, I (2015). Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista. *Lua Nova*, nº 94, São Paulo, pp. 41-77.

Daigle, C (2014). Pensando com Simone de Beauvoir e para além, *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v.5 – n.9, pp. 381-392.

Gunella, E. J. (2014). *Ontologia e Ética n'O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-12122014-195339/pt-br.php>. Acesso em 19 ago. 2019.

Kruks, S (2012). Teorizando a opressão, *Sapere Aude*, Belo Horizonte, v.3 – n.6, pp. 13-56.

Zéphir, J. J (1984). Importance des Écrits féministes de Simone de Beauvoir postérieurs au Deuxième Sexe. *Simone de Beauvoir Studies*, v. 2, pp. 117-147.